

Izabel F. O. Brandão

Pesquisadora do CNPq desde 2007, é Ph.D em Literatura Inglesa pela University of Sheffield (Inglaterra), com Pós-Doutorado na UFMG (2010). Professora titular da UFAL (aposentada), atua como voluntária na área de Letras, junto ao PPGLL. Membro do GT A Mulher na Literatura da ANPOLL.

Elaine Rapôso

Doutora em Estudos Literários pelo PPGLL, UFAL. É professora da Educação Básica Técnica e Tecnológica no Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió, onde desenvolve ações voltadas para a formação de leitoras e de leitores a partir de textos de autoria feminina.

Laureny Aparecida Lourenço da Silva

Professora Adjunta na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Atua na área de Espanhol, com ênfase no ensino de Língua Espanhola e de suas literaturas. Também atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Doutora em Estudos Literários pela UFAL, Mestrado em Estudos Literários e Graduação em Letras pela UFMG.

Sávio Roberto Fonsêca de Freitas

Professor Associado 2 de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV-Mamanguape) e do PPGL-UFPB (Campus I-João Pessoa). Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia do Recife, Especialista em Literatura Brasileira e Mestre em Teoria da Literatura Universidade Federal de Pernambuco. Doutor no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. Desenvolveu Estágio de Pós-Doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no PPGL-UFPB, no PPGL-UFAL e no PPGL-UFAL.

DESVAIRADAS PARA ALÉM DE 22: MODERNISMO, VANGUARDA E OUTROS TONS DO FEMININO

O Dossiê Temático *Desvairadas para além de 22: modernismo, vanguarda e outros tons do feminino* foi proposto por integrantes do grupo Mare&Sal Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (FALE/PPGLL/UFAL), coordenado pela professora Dra. Izabel Brandão, a partir de uma chamada publicada pela *Revista Leitura*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL), em 2022. Na ocasião, a proximidade das comemorações relativas ao centenário da Semana de Arte Moderna, no Brasil, serviu como mote para a realização do necessário exercício de interrogar a tradição literária brasileira a partir de perspectivas de gênero que possibilitam pensar a produção artística e cultural das mulheres brasileiras em e para além de 22.

2022 é também o ano em que a professora Constância Lima Duarte publica o primeiro volume do seu *Memorial do memoricídio*. O conceito cunhado pela autora refere-se às “[...] vítimas do *memoricídio*, conceito que designa o assassinato da memória e de uma cultura” (Duarte, 2022, p. 16). Segundo ela, “no caso das mulheres, *memoricídio* pode também designar o processo de opressão e negação de sua participação ao longo da História, pois, ao eliminar a memória de luta e resistência ao patriarcado, a História impôs o silêncio e a invisibilidade às pioneiras [...]” (Duarte, 2022, p. 16, grifos da autora).

Contrapor-se a esse processo de negação da participação das mulheres na história oficial é um dos caminhos por meio dos quais a crítica literária feminista, a partir do trabalho de resgate, questiona os mecanismos constitutivos do cânone. Este atua como princípio de exclusão daquelas e daqueles que destoam das dominantes de época, em termos de gênero, raça, classe, sexualidade, dentre outros, como salienta Zahidé Muzart (1995) em *A questão do cânone*. Nessa perspectiva, olhar em retrospecto para a Semana, bem como para os movimentos de vanguarda nas artes, em geral, e para o Modernismo brasileiro, em particular, permite questionar o modo como, mesmo em momentos de ruptura, a historiografia literária mantém padrões de silenciamento e/ou apagamento da presença das mulheres na constituição do cânone.

A Semana de Arte Moderna é considerada o marco inicial do Modernismo na tradição literária brasileira (Bosi, 2000). Enquanto movimento estético, foi pautado pela pluralidade de linguagens e de formas de pensar a arte brasileira. Reivindicava-se uma produção artística e cultural marcada por componentes que indicavam a valorização de menor rigor formal, de maior liberdade de criação e, principalmente, de elementos como a brasilidade e o caráter popular da arte.

Do ponto de vista da historiografia literária, as rupturas propostas pela Semana e pelo conseqüente movimento modernista, no entanto, não ultrapassaram os limites que lhe constituíram em sua origem. Tratou-se de um evento/movimento oficialmente marcado pela predominância dos homens brancos intelectuais do eixo Rio – São Paulo. Entretanto, um olhar mais acurado para esse momento da literatura brasileira pode revelar outro quadro, como apontam alguns dos artigos que compõem este dossiê. Nesse sentido, é importante

destacar que o resgate da historiografia da literatura de autoria feminina, tendo a Semana de Arte Moderna e o Modernismo brasileiro como marcos históricos e estéticos, é um elemento norteador não só para pensar escritoras do referido período, mas também escritoras contemporâneas nossas.

O movimento de interrogar e confrontar o discurso oficial da historiografia literária, sobretudo quando temos o Modernismo como marco, torna imperativa a referência à voz e à produção da escritora modernista inglesa Virginia Woolf. Para a perspectiva que norteou o trabalho de construção deste dossiê, a autora de *Um teto todo seu* (Woolf, 1985), é uma figura duplamente emblemática: em primeiro lugar, por ter imposto a sua presença/palavra de mulher como marca indelével nos rumos estéticos do Modernismo inglês; em segundo lugar, pelo modo como os ensaios reunidos na mencionada obra apontam a necessidade de garantir que as mulheres escritoras possam “[...] ali [na história] figurar sem impropriedade” (Woolf, 1985, p.60).

Há, pois, nos textos que seguem, um movimento intelectual, político e/ou crítico que pensa a tradição literária brasileira, enquanto construção social e histórica, numa perspectiva que traz as mulheres escritoras, em sua pluralidade de formas de ser e de fazer, para o centro da história, o que não se limita ao movimento de resgate das escritoras do passado. Ao analisar obras de autoras contemporâneas, ou ao propor novas leituras para autoras já canonizadas, contribuindo para a fortuna crítica de todas elas, os textos que seguem apontam a consciência de que a história se faz no hoje, ou, para usar a expressão de Marc Augé (1994, p.30) “estamos com a história em nossos calcanhares”.

O fio principal, que norteia e conduz as diversas abordagens críticas apresentadas, parte do questionamento do cânone. Enquanto instância de poder, ele atua no sentido de promover um esquecimento intencional contra o qual as autoras e os autores dos artigos publicados se colocam a partir de diversas perspectivas teóricas e/ou críticas. Em conjunto, respeitadas as suas singularidades, os artigos que seguem podem ser considerados textos que realizam aquilo que Paul Ricoeur (2007) conceituou como o dever de memória, o dever de fazer justiça, pela via da memória, contra o esquecimento, àqueles e àquelas que nos precederam.

Diante desse cenário, este dossiê reúne trabalhos acadêmicos que, por meio de perspectivas teóricas e críticas pautadas nas questões de gênero, na crítica literária feminista, no revisionismo, e/ou na ecologia, abordam a literatura produzida por mulheres, a partir de um recorte temporal que compreende os últimos cem anos, tendo como marco inicial o ano de 1922, relevante para a literatura brasileira por causa da Semana de Arte Moderna, como mencionado anteriormente. Delineia-se, assim, a análise de um recorte temporal amplo, olhado a partir de perspectivas que interrogam os silêncios e os discursos oficiais. Este é o exercício que predomina nos artigos que compõem este dossiê. Como uma tentativa de resposta a esse contexto, eles buscam compreender e discutir o papel histórico e político das mulheres a partir de sua atuação nos campos da produção literária/estética, da produção crítica, da atuação política e no que diz respeito à recepção de suas obras.

A partir de perspectivas diversas, os três primeiros trabalhos que abrem este dossiê voltam-se para o período do Modernismo brasileiro, em termos es-

téticos e históricos, seja pelo resgate de escritoras, pela análise da publicação de textos de autoria feminina, ou pela discussão da Semana de Arte Moderna de 1922 e de suas implicações na instituição do romance moderno. Já no que diz respeito aos outros tons do feminino, temos uma pluralidade de trabalhos que possibilitam pensar a atuação de mulheres escritoras enquanto leitoras críticas de suas contemporâneas; as possibilidades de relação entre literatura e ecologia; o revisionismo; a escritora como agente social; a resistência e a ancestralidade na autoria feminina negra brasileira.

Para além de 22, o que este dossiê coloca em circulação é a possibilidade de pensar vários tons do feminino a partir de textos que se voltam para o resgate de mulheres escritoras ou para a análise crítica de textos de autoria feminina contemporânea. Ao longo do percurso, as leitoras e os leitores encontrarão companhias variadas que dizem muito a respeito destes cem anos de produção literária de autoria feminina no Brasil. Com vocês, passearão as obras de Madame Chrysanthème, pseudônimo de Cecília Bandeira de Mello Rebelo de Vasconcelos e Ercília Nogueira Cobra; de Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes Coelho; de Clarice Lispector; de Rupi Kaur; de Marina Colasanti; de Eliana Alves Cruz; de Conceição Evaristo; de Consuelo de Castro, em diálogo com Nelson Rodrigues.

Está feito o convite. Boa leitura!

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 6. ed. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

DUARTE, Constância Lima (org.). **Memorial do memoricídio**: escritoras esquecidas pela história. Vol.1. Belo Horizonte: Editora Duas Luas, 2022.

MUZART, Zahidé L. A questão do cânone. In. **Anuário de Literatura nº 3**, Florianópolis, 1995, pp. 85-94. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>>. Acesso: 10 maio 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.